

Martín Carbajo Núñez

# ECOLOGIA FRANCISCANA

Raíces da Encíclica *Laudato Si*  
do Papa Francisco



**Martín Carbajo Núñez**

**Ecologia Franciscana**

**Raíces da encíclica  
*‘Laudato Si’*  
do Papa Francisco**

**Editorial Franciscana**

Ficha Técnica

*Edição portuguesa*

Título: Ecologia Franciscana - Raízes da encíclica *Laudato Si'*

Autor: Martín Carbajo Núñez

Tradutor: José Maria Fonseca Guimarães

Editora: Editorial Franciscana

*Edição original*

Título: Ecología Franciscana: Raíces de la *Laudato Si'*

Autor: Martín Carbajo Núñez que cedeu o texto

Editora: Ed. Franciscanas, Arantzatu 2016

*Editorial Franciscana*

Rua Areal de Cima - 90

4711-856 Braga

[www.editorialfranciscana.org](http://www.editorialfranciscana.org)

[edfranciscana@editorialfranciscana.org](mailto:edfranciscana@editorialfranciscana.org)

Composição: Editorial Franciscana

Impressão:

Capa:

ISBN:

Depósito Legal:

© Copyright: Editorial Franciscana

Reservados todos os direitos legais

## Dedicatória do Autor:

*Laudato Si'*, meu Senhor, pelos meus pais, Martín e Ascensión, que me ensinaram a viver em família e a cuidar da casa comum; e pelos irmãos da minha Província franciscana de Santiago, que ampliaram os horizontes da minha primeira casa familiar.

# Siglas e abreviaturas

## Sagrada Escritura

1 Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2 Cor	Segunda Carta aos Coríntios
Ag	Profeta Ageu
Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
Col	Carta aos Colossenses
Ef	Carta aos Efésios
Ez	Profeta Ezequiel
Gn	Génesis
Is	Livro de Isaías
Jb	Job
Jr	Profeta Jeremias
Jo	Evangelho de São João
Lc	Evangelho de São Lucas
Lv	Levítico
Mc	Evangelho de São Marcos
Mt	Evangelho de São Mateus
Os	Profeta Oseias
Pr	Provérbios
Rm	Carta aos Romanos
Sl	Salmos
Sb	Sabedoria

## Magistério eclesiástico

AParens	PAULO VI, Carta <i>Alma parens</i>
CA	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Centesimus annus</i>

CCC	Catecismo da Igreja Católica
CDSI	PCJP, <i>Compêndio da DSI</i>
CIC	Código de Direito Canônico
CV	BENTO XVI, Encíclica <i>Caritas in veritate</i>
DC	BENTO XVI, Encíclica <i>Deus caritas est</i>
DSI	Doutrina Social da Igreja
DV	CONCÍLIO VATICANO II, Constituição <i>Dei Verbum</i>
DZ	DENZINGER, <i>Enchiridion symbolorum</i>
EA	JOÃO PAULO II, Exortação <i>Ecclesia in America</i>
EG	FRANCISCO, Exortação <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	PAULO VI, Exortação <i>Evangelii nuntiandi</i>
EV	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Evangelium Vitae</i>
FR	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Fides et ratio</i>
GS	CONCÍLIO VATICANO II, Constituição <i>Gaudium et Spes</i>
JMP	Jornada Mundial da Paz
JMCS	Jornada Mundial das Comunicações Sociais
LE	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Laborem exercens</i>
LF	FRANCISCO, Encíclica <i>Lumen fidei</i>
LG	CONCÍLIO VATICANO II, Constituição <i>Lumen Gentium</i>
LS	FRANCISCO, Encíclica <i>Laudato Si'</i>
AO	PAULO VI, Carta <i>Octogesima adveniens</i>
MD	JOÃO PAULO II, Carta <i>Mulieris dignitatem</i>
NA	CONCÍLIO VATICANO II, Declaração <i>Nostra aetate</i>
PCDI	Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso
PCJP	Conselho Pontifício “Justiça e Paz”
PP	PAULO VI, Encíclica <i>Populorum progressio</i>
PT	JOÃO XXIII, Encíclica <i>Pacem in terris</i>
RM	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Redemptoris missio</i>
SRS	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Sollicitudo rei socialis</i>
Sca	BENTO XVI, Exortação <i>Sacramentum caritatis</i>
VS	JOÃO PAULO II, Encíclica <i>Veritatis Splendor</i>

## FONTES FRANCISCANAS

2CF	Carta aos Fiéis, 2ª redação
Ex	Exortações
CC	Cântico do Irmão Sol ou das Criaturas
CA	Carta a Santo António
CL	Carta a frei Leão
CM	Carta a um Ministro
CO	Carta a toda a Ordem
LD	Louvores a Deus Altíssimo
OP	Ofício da Paixão do Senhor
2R	Regra bulada
1R	Regra não bulada (1ª Regra)
SV	Saudação às virtudes
T	Testamento
1C	Tomás de Celano, <i>Vida primeira</i>
2C	Tomás de Celano, <i>Vida Segunda</i>
3C	Tomás de Celano, <i>Tratado dos Milagres</i>
LM	BOAVENTURA, <i>Legenda Maior</i>
Lm	BOAVENTURA, <i>Legenda Menor</i>
3C	Legenda dos três companheiros
LP	Legenda de Perúsia
AP	Anónimo de Perusino
EP	Espelho de perfeição

## OBRAS DE S. BOAVENTURA E DUNS ESCOTO

1Sent	BOAVENTURA, <i>Commentaria in I librum Sententiarum</i>
2Sent	BOAVENTURA, <i>Commentaria in II librum Sententiarum</i>

4Sent	BOAVENTURA, <i>Commentaria in IV librum Sententiarum</i>
Brevil.	BOAVENTURA, <i>Breviloquium</i>
Hex	BOAVENTURA, <i>Collationes in Hexaëmeron</i>
HO	TIAGO DE VITRI, <i>História do Oriente</i>
In Eccl.	BOAVENTURA, <i>Commentarius in librum Ecclesiastes</i>
Itin.	BOAVENTURA, <i>Itinerarium mentis in Deum</i>
Lect.	DUNS ESCOTO, <i>Lectura</i>
Lig. Vitae	BOAVENTURA, <i>Lignum vitae</i>
OPh	DUNS ESCOTO, <i>Opera philosophica</i>
Pr. Princ	DUNS ESCOTO, <i>De primo principio</i>
QMet	DUNS ESCOTO, <i>Quaestiones super libros metaphysicorum Aristotelis</i>
Quarac	BOAVENTURA, <i>Opera omnia</i> , Collegii S. Bonaventurae
Quodl.	DUNS ESCOTO, <i>Quodlibet</i>
Rep.	DUNS ESCOTO, <i>Reportatio parisiensis</i>
SGFE	Secretaria Geral para Formação e Estudos
STrinit	BOAVENTURA, <i>De mysrerio SS. Trinitatis</i>
Solil	BOAVENTURA, <i>Soliloquium</i>
Vat.	Duns Escoto, <i>Opera omnia</i> , ed. Comm. Scotisticae
Vivès	Duns Escoto, <i>Opera omnia</i> , ed. L. Vivès

### **Siglas bibliográficas e comuns**

a.	Artigo
AAS	Acta Apostolicae Sedis
ASS	Acta Sanctae Sedis
Bac	Biblioteca de autores cristiano <b>s</b>
c.	capítulo
Cf.	Confira, veja...
Cit.	Citado
d.	Distinção, distinções



ed.	Editor, editorial, coordenador...
Edb	Edizioni Dehoniana Bologna
Ibid.	Ibidem, no mesmo local
Id.	Idem, o mesmo
Impr.	Reimpressão
InsJP2	Instruções de João Paulo II
InsB16	Instruções de Bento XVI
InsFco.	Instruções do papa Francisco
Lev	Livraria Editora Vaticana
n.	Número, números
OR	L'Osservatore Romano
p.	página, páginas
PG	Migne, <i>Patrologia graeca</i>
PL	Migne, <i>Patrologia latina</i>
Prol.	Prólogo
q.	Quaestio, quaestiones
Reb	Revista Eclesiástica Brasileira
S.Th	Tomás de Aquino, <i>Summa Theologiae</i>
un.	Único, única
UNDP.	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UP	University Press
Univ.	Universidade
Vol.	Volume, volumes

## Prólogo

No dia 24 de maio de 2015, domingo da solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco assinou uma encíclica que principia com as palavras “*Laudato si*” (*Louvado sejas...*) que se encontram entre as primeiras do *Cântico das Criaturas* de São Francisco de Assis. Uma vez publicado o documento papal, os Ministros Gerais da família franciscana enviaram ao Santo Padre uma carta de agradecimento e reconhecimento, pelo facto de essa encíclica atualizar o carisma franciscano no que se refere ao respeito pela natureza e dum modo especial pelos seres vivos. Quem ama a Deus não pode deixar de tratar bem e defender todas as suas criaturas.

O espírito de Francisco de Assis transparece por toda a encíclica, como elemento que a impregna de impressionante simplicidade. As distâncias imensas transformam-se em proximidade; a pobreza vive feliz entre as riquezas da criação. Se Deus deu à humanidade o domínio da criação (Gn 1,26-30) não foi para a explorar, mas para a servir. A fraternidade cósmica é a tarefa humana de gratidão por um presente divino. Somos destinados a viver alegremente como irmãos de todos os seres criados e a proclamar assim a bondade e a grandeza de Deus.

O *Cântico das Criaturas*; foi composto há quase oito séculos por Francisco de Assis, e o Papa Francisco achou por bem recordá-lo e traduzi-lo para o nosso tempo, convidando-nos dessa forma à deliciosa tarefa de aprendermos a ler o livro da criação e com essa leitura conseguirmos construir a paz, superando os desafios éticos do nosso mundo globalizado. É também este o objetivo das páginas que iremos ler.

Não é a primeira vez que o professor Martín Carbajo Núñez se ocupa de assuntos de ética, especialmente dos que se referem à responsabilidade social, política, económica e de meios de comunicação. Mas estava ainda por preencher um estudo mais específico sobre temas ecológicos a partir duma perspectiva franciscana. A encíclica *Laudato Si'* ofereceu-lhe para isso uma magnífica oportunidade, que ele não deixou de aproveitar.

Concordamos com o Autor em afirmar que Francisco de Assis é um modelo sublime de inspiração para uma verdadeira ecologia dos cuidados a ter com a nossa casa comum. Seguindo o seu exemplo, teremos de começar por excluir determinadas teorias e práticas ecológicas que enfermam de ambíguas militâncias e frequentes contrassensos, para se tornar mais evidente a necessidade duma reflexão mais séria e profunda sobre a autêntica e verdadeira ecologia. Nesse sentido temos de evitar os experimentalismos, que mais não fazem do que aprofundar o sulco do relativismo, onde se torna impossível germinar e crescer uma verdadeira reflexão intelectual e moral. É necessário passar de uma ecologia parcial e fragmentária em mil interesses a uma ecologia total, íntegra e completa, em que o bem do ser humano seja o primeiro e o mais importante dos objetivos, permitindo-lhe além disso ser o verdadeiro protagonista do seu próprio desenvolvimento.

É cada vez mais urgente uma ecologia completa, que ao mesmo tempo apresente as características de ser intelectual, moral e transcendente. Intelectual, dotada duma inquestionável honestidade da razão e do pensamento. Moral, assumindo as responsabilidades decorrentes de princípios objetivos, normas e direitos, naturais e legais, que obrigam em consciência. Transcendente, no sentido de ampliar os horizontes do conhecimento à luz de uma fé bem fundamentada e amadurecida, capaz de poder assim assumir os seus próprios princípios. Não pode aqui haver divórcio, mas só integração. A ecologia não pode limitar-

se a ser meramente uma questão acadêmica pluridisciplinar. Deve ser uma atitude vital, que respeite e valorize a unidade inquestionável existente entre o mundo, a pessoa humana e Deus.

É neste panorama de ecologia integral que se situa o livro que o leitor tem nas mãos. É evidente a visão franciscana do seu autor, e seria até surpreendente que assim não fosse, uma vez que a sua formação, a abertura das suas ideias e a sua preocupação pela persistência e atualização do pensamento franciscano nos assuntos sociais o estavam a requerer. Não há dúvida que o espírito franciscano é imprescindível em qualquer reflexão sobre o bom tratamento da casa comum.

Nos últimos anos da sua vida terrena, Francisco presente que não tardará a passagem a uma vida melhor. Sabe perfeitamente que o bom pai que é Deus nunca abandona os filhos, e que a bondade do Altíssimo resplandece em todas as suas criaturas, especialmente no ser humano, criado à sua imagem. É a quadra da sua vida mais apropriada para cantar os louvores ao Senhor e redigir o testamento. Compõe então o *Cântico das Criaturas*, ou *Cântico do irmão sol*, uma belíssima e admirável obra coral. O louvor das criaturas ao seu Senhor transmite a música e a história do próprio Francisco, é como o argumento da ópera que foi toda a sua vida. Foi assim que surgiu esse maravilhoso poema sinfónico, em que a beleza da criação se entrelaça harmoniosamente com os nobres sentimentos do “jogral de Deus”. O *Cântico das Criaturas* é uma parábola da vida de Francisco, narrada sob a ação da graça divina e entoada por todas as criaturas do universo.

Sendo a ecologia uma tentativa de reconciliar o homem com a natureza, os ecologistas deveriam assumir as atitudes do seu “Patrono celeste”, que teve uma consciência tão profunda do ca-

ráter sagrado da criação. Nesse sentido, já João Paulo II afirmava que a “questão ecológica”<sup>1</sup> é hoje uma enorme responsabilidade e um iniludível exercício de caridade.

O interesse e a preocupação pelos assuntos ecológicos não devem de modo algum considerar-se alheios à reflexão cristã. Pelo contrário, fazem parte da mais genuína fé e missão da Igreja, que se sente chamada a promover a reconciliação de toda a criação “em Cristo e para Cristo” (Cf. Col 1,16). O homem é um mero “tratador” das criaturas, não é dono delas. É seu dever proteger-lhes o ambiente natural e social, sem abusar da natureza e sem atentar contra o bem da mesma.

Ninguém terá ficado surpreendido pelo facto de Francisco de Assis ter sido proclamado o Patrono universal dos ecologistas. O professor Martín Carbajo não precisou de grande trabalho para demonstrar os méritos do *Poverello* esse merecido título. Basta recordar a sua vida evangélica, o seu espírito de contínuo louvor a Deus, a sua capacidade de contemplar e admirar a beleza das coisas, a sua abertura à fraternidade universal. A encíclica *Laudato Si'* reconhece como lícitas aquelas intervenções na natureza que, para obter dela os recursos necessários, a tratem com responsabilidade ao serviço do bem comum, e respeitem a beleza, a finalidade, a utilidade e a função de todos os seres vivos no ecossistema. Mas não é tarefa fácil. Por isso a encíclica, ao mesmo tempo que é um cântico entusiástico de louvor ao autor da criação, é também uma solene advertência à responsabilidade de todos para que cuidem bem da casa comum em que vivem.

O problema ecológico é complexo; não se limita à proteção dos grandes espaços naturais e da relação do homem com o ambiente. As ideologias, os interesses políticos e económicos, a luta pela sobrevivência em alguns povos a par da sofreguidão

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, «Exortação apostólica pos-sinodal *Pastores gregis*», 16-10-2003, n. 70, em AAS 96 (204) 825-924.

desenfreada pelo bem-estar em outros, são sérios obstáculos a que o bem comum e a defesa dos direitos mais fundamentais das pessoas ocupem o primeiro lugar na escala dos interesses, como seria de desejar. Por isso é que a questão ecológica constitui hoje uma enorme responsabilidade para toda a gente, e ninguém se pode desvincular da solidariedade universal, de contribuir para o equilíbrio necessário entre o desenvolvimento económico e o progresso integral (humano, cultural, educativo e social). O bem-estar das pessoas depende não só da solução dos problemas ambientais, mas também e sobretudo de elas conseguirem realizar-se como personalidades completas, íntegras e maduras (SRS,26).

O interesse pela ecologia não se pode reduzir à aventura de certos militantes e ativistas, empenhados apenas em cumprir determinados programas. É urgente que se forme uma verdadeira escola dotada da mais adequada pedagogia, para que todos possamos compreender e ajudar a resolver os problemas ecológicos, e para sabermos como superar alguns contrassensos evidentes. Por exemplo, enquanto por um lado há hoje muito cuidado em proteger os animais, por outro lado com relativa facilidade se elimina um ser humano... Fala-se muito em manter e até melhorar a qualidade de vida, e ao mesmo tempo esquecem-se ou limitam-se as condições necessárias para um verdadeiro e completo desenvolvimento das pessoas, como a liberdade e o direito de nascer, viver e morrer com dignidade... Procura-se criar um ambiente mais sadio e respirável, e o que se vê é aumentarem a violência, a extorsão, os conflitos sociais, a destruição da família, e serem espezinhados os direitos fundamentais... E no meio de todos estes contrassensos sobressai uma ausência aterradora de valores pessoais e sociais, de princípios éticos e de referências à transcendência.

Por isso não é de estranhar que o autor deste livro sublinhe a ambiguidade do pensamento atual no que respeita à ecologia,

à ética ambiental e à sustentabilidade. O professor Carbajo insiste na necessidade duma reflexão serena e muito ponderada, em que todos participem, de modo a ser possível abrir novos horizontes de esperança. E para o conseguir, propõe como fontes de inspiração a pessoa de São Francisco e a tradição franciscana.

A vida do Pobrezinho de Assis decorre em contemplação do Deus invisível que nas suas criaturas se torna visível, reconhecível e irmão. O *Cântico do Irmão Sol* é uma expressão eloquente de admiração e gratidão ao Sumo Bem que o criou. A bondade de Deus manifesta-se em todas as suas criaturas, que em conjunto formam uma imensa fraternidade, sustentada e vivificada pelo seu Criador. Todas elas devem ser portanto reconhecidas e amadas como irmãs, por serem obra do único Deus, Pai e Senhor de toda a criação.

Todo o universo convida ao louvor, ao reconhecimento e a uma relação afetuosa. A criação inteira estreitou ainda mais os laços da sua maravilhosa fraternidade na pessoa de Cristo, templo do Verbo eterno que quis estabelecer na terra a sua morada. Assim o canta o irmão Francisco nesse hino entusiástico à criação que é o *Cântico do Irmão Sol* ou *Cântico das Criaturas*. Bastaria recordar esse *Cântico* para compreender a importância de São Francisco na história da ecologia, no cuidado da natureza e no amor a todas as criaturas. Todas elas o conduzem a Deus, e é fazendo coro com elas que o santo louva e dialoga com o seu Altíssimo Senhor.

Estas palavras pretendem ser uma paráfrase, em linguagem teológica, do *Cântico das Criaturas*, pondo em evidência a admiração cósmica de São Francisco. O seu *Cântico* é como um apelo à criação inteira para que ela, em uníssono com o homem, louve a Deus pela vida, pela fraternidade, pela cruz, pelo perdão e até pela irmã morte corporal. Toda a criação é sagrada, porque nela está Deus.

Francisco ama a natureza porque ama a Deus. O irmão sol é belo e radiante “por nos dar a imagem do Altíssimo”. A lua, a água, o vento, o céu limpo ou nublado, tudo são irmãos, porque foi Deus que a todos fez claros, preciosos e belos. Francisco canta Deus nas criaturas. É fácil entender porque é que João Paulo II o declarou patrono dos ecologistas.

A contemplação franciscana não nos isenta das responsabilidades que temos neste mundo; antes pelo contrário, ainda mais nos compromete com ele. Temos de saber viver esse amor e essa responsabilidade em todas as circunstâncias: em público e em privado, na pobreza e na abundância, no trato com os animais e na necessária utilização da água... Uma vez que tudo nos fala de Deus, em tudo devemos louvá-lo. E a constatação dos males que afligem o nosso mundo deve levar-nos ao compromisso responsável: onde houver ódio, levemos o amor; onde houver amargura levemos a doçura e o esplendor do Bem.

Argumentos, caminhos e pistas franciscanas para nos aproximarmos de Deus, mais do que raciocínios filosóficos ou discursos apologéticos são as cintilações do amor de Deus, *bonitatis splendor*, que se refletem em toda a criação, mas sobretudo no homem.

Como não podia deixar de ser, o conceituado professor e autor deste livro termina com um esplêndido capítulo sobre a reconciliação e a reconstrução da grande família cósmica, a família cordial e universal com que já sonhava e vivia Francisco de Assis.

**Carlos Amigo Vallejo**  
Cardeal Arcebispo Emérito de Sevilha



# Introdução

Neste livro, o leitor encontrará a respeito da ecologia um conceito particularmente franciscano, que em muitos aspectos poderá considerar-se inspirador da encíclica *Laudato Si*<sup>2</sup>. Logo a partir do título a encíclica apresenta Francisco de Assis como modelo de uma ecologia integral, e como exemplo do tipo de relações familiares e fraternas, tão necessárias no nosso tempo para superar a atual crise social e ambiental. O Jubileu da Misericórdia veio posteriormente sublinhar a urgência de abordar cordialmente os desafios éticos globais.

Seguindo a linha traçada pelo Papa Francisco, este livro assume uma visão integral da ecologia, e é a partir dela que analisa os desafios éticos globais, pondo-os em relação com a vivência de Francisco de Assis e com a reflexão filosófico-teológica da tradição franciscana. Em vez de recordar nostalgicamente o passado, o livro convida a encontrar, no Pobrezinho de Assis e nos autores franciscanos, inspiração para vivermos adequadamente no nosso tempo e nos abirmos a um futuro de esperança. Não é por acaso que Lynn White, um dos autores que mais violentamente tem acusado a religião judeo-cristã de provocar a crise ecológica, tenha sido também ele a propor entusiasticamente Francisco de Assis como exemplo e modelo de referência dos ecologistas.

O livro integra quatro capítulos, e em cada um deles a exposição se desenvolve em torno dos temas de *liberdade, gratuidade, fraternidade e bem comum*, que o autor considera como sendo os quatro princípios fundamentais da reflexão ética franciscana.

---

<sup>2</sup> As citações da encíclica *Laudato Si* serão em todo o texto indicadas apenas com os números entre parêntesis.

No primeiro capítulo toma-se como referência a encíclica *Laudato Si*, a fim de identificar o melhor possível os mais preocupantes desafios éticos do nosso mundo globalizado. O capítulo começa com uma rápida apresentação das grandes correntes de ética ambiental, que, partindo de posições muito diversas, tentam solucionar o problema da sustentabilidade do ecossistema global. Depois de pôr em destaque a especificidade da perspectiva cristã, analisam-se em seções posteriores as causas da atual crise socio-ambiental, sublinhando a necessidade de superar o paradigma tecnocrático, que analisa e discrimina, mas não consegue chegar a uma visão integral e inclusiva. E é devido a essa concepção fragmentária e preocupada sobretudo com a eficiência que se vão deteriorando cada vez mais as boas relações na casa comum. Poucas são as pessoas que se interessam com o bem dos outros, e as coisas de que nos servimos não passam de objetos para usarmos enquanto servirem, e depois deitarmos no depósito do lixo.

O segundo capítulo apresenta Francisco de Assis como modelo de ecologia integral e como inspirador de uma forma perfeita de enfrentar a atual crise socio-ambiental. Note-se, no entanto, que a cosmovisão da época de Francisco era muito diferente da nossa, e que nessa altura não se verificava a degradação do ambiente que agora tanto nos preocupa. Apesar dessas diferenças, fruto da época e da mentalidade, certo é que a atitude vital de Francisco nada tem a ver com o acentuado antropocentrismo que em épocas posteriores veria o universo como pura e simples matéria, plenamente disponível para o homem a utilizar indiscriminadamente, sem ter em conta outros critérios além do seu próprio interesse. Francisco supera também a posição daqueles que consideram o ser humano como administrador de criação, mas sem se incluírem nela. A obrigação do homem seria cuidar dum bem que não considerava seu. Procederia assim por-

que Deus lhe teria dado essa responsabilidade e lhe pediria contas da administração, mas não como um encargo próprio e pessoal. Seria uma espécie de mordomo, encarregado de olhar por uma propriedade alheia, ou como um arrendatário, que se limita a cumprir um contrato. Francisco vai muito mais longe. Não se considera dono nem mordomo das criaturas; considera-se e define-se como irmão de todas, amando-as e acarinhando-as por se sentir unido a elas com estreitos laços de familiaridade. A casa comum é a sua casa; todos os seres que nela habitam são seus irmãos e irmãs. Nem precisa de lhes exigir que o tratem bem: o sentido de fraternidade parte dele e enche-o de prazer. Esta ecologia de parentesco é uma base muito mais profunda e eficaz do que a ecologia de simples administração.

No capítulo terceiro estuda-se o modo como a tradição franciscana formula, em terminologia filosófica e teológica, o pensamento intuitivo do fundador. As limitações do trabalho, porém, constroem-nos a centralizar o nosso estudo em Escoto e Boaventura, que aliás são os dois representantes mais significativos da escola franciscana. Segundo a ideologia desta escola, designada muitas vezes por “voluntarismo”, a criação é o fruto da vontade amorosa do Criador. Todos os seres são bons, por ter sido Deus que os chamou à existência e escolheu gratuitamente entre uma infinidade de outros possíveis, e os inseriu numa rede de relações em que cada um tem importância e significado para o conjunto. Em vez da excessiva abstração da filosofia ocidental, os franciscanos dão a primazia ao concreto, singular e individualizado, conseguindo assim sentir admiração e estima perante o mistério de cada ser, único e irrepetível. Todas as criaturas, mesmo as mais insignificantes, são um reflexo de quem as criou, e, portanto, têm em si mesmas um valor que pode e deve ser descoberto e respeitado. Todos os seres, tendo sido criados pelo mesmo Deus, filhos do mesmo Pai, nascidos na

mesma casa, são verdadeiros irmãos. Por isso é que os franciscanos, em lugar do vulgar *interesse* egoísta, propõem um *inter-essediferente*, que significa *estar entre* outros ou *estar com* outros, fraternalmente.

À luz do material estudado nos três primeiros capítulos, no quarto apresentam-se algumas linhas de ação para enfrentar a crise socio-ambiental. O estudo analítico do primeiro capítulo sobre os desafios éticos globais, que depois é iluminado com a vivência de São Francisco e com a reflexão da Escola Franciscana, é retomado neste capítulo a propor a busca dum fundamento religioso, antropológico e ético para as possíveis respostas à crise. Não se pretende oferecer nenhuma solução técnica, dado que isso é tarefa própria de especialistas no âmbito da especialidade de cada um. Como afirma o Papa, «a Igreja não pretende resolver questões científicas nem interferir na política, mas convida a um debate honesto e transparente» (188) que salvguarde o bem de cada pessoa e o bem comum. É nesta linha que o quarto capítulo tenta esboçar os critérios éticos que devem orientar a reconstrução das relações familiares na casa comum.

Neste livro, portanto, parte-se da convicção de que a crise ecológica é uma crise de família, pelo facto de o ser humano andar a romper os laços que o unem às criaturas, provocando assim caos e confusão. Precisamos de tornar a sentir o prazer de sermos irmãos a viver numa casa comum, pondo em prática o tipo de relações fraternas e gratuitas que normalmente teremos aprendido quando crianças na casa familiar, e que nos ajudarão a “descobrir o rosto amoroso de Deus”<sup>3</sup> e o nosso próprio mistério trinitário<sup>4</sup>. Disso depende o futuro da grande família cósmica. A família humana é de facto “a primeira e a mais importante

---

<sup>3</sup> FRANCISCO, «Discurso ao Corpo Diplomático acreditado na Santa Sé», 11-01-2016, em *OR* 156/7 (11/12-01-2016) 4-5.

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, «Carta às famílias *Gratissimam sane*», 2-02-1994, n.8 em *AAS* 86 (1994) 868-925, aqui 877.

escola”<sup>5</sup> de relações cordiais e fraternas. É nela que se aprendem “virtudes sociais, como o respeito das pessoas, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, a solidariedade, a cooperação”<sup>6</sup>, a tolerância, o perdão e a reconciliação<sup>7</sup>. É também “a primeira estrutura fundamental a favor da «ecologia humana»” (CA 39).

Antes de avançarmos mais, convém esclarecer o significado de algumas expressões. A terra é a nossa casa comum, onde todos os seres estão relacionados. É uma afirmação que o Papa repete na encíclica *LSnada* menos de dez vezes, dando a entender que o problema ecológico não se reduz aos reinos vegetal e mineral, mas implica também as dinâmicas sociais e o relacionamento humano.

Faremos também distinção entre os conceitos de “criação” e “natureza”, por não serem equivalentes. Francisco de Assis nunca usou nos seus escritos o termo “natureza”, preferindo sempre a palavra “criação”, por considerar que tudo o que existe foi “criado” por Deus. “A natureza costuma entender-se como um sistema que se pode analisar, compreender e gerir” (76) ao passo que na tradição cristã se fala de criação como sendo o projeto de um Deus pessoal e trinitário, que atua por amor e destina tudo à comunhão com Ele. Além de natureza, o homem é também cultura. Não é fácil, no entanto, fazer uma distinção nítida entre estes dois termos, uma vez que “a definição da natureza é sempre, ao menos, uma construção da cultura”<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> FRANCISCO, «Discurso...», 11-01-2016, p.4.

<sup>6</sup> BENTO XVI, «Homilia no VII Encontro mundial de famílias», 3-06-2012, em *InsB16* VIII/1 (2012) 693-697, aqui 695.

<sup>7</sup> JOÃO PAULO II, «Exortação apostólica *Familiaris consortio*», 22-11-1981, n.21, em *AAS* 74 (1982) 81-191, aqui 105-106.

<sup>8</sup> Cf. J. CERQUEIRA GONÇALVES, «Cosmologia», em J.A. MERINO – F. MARTÍNEZ FRESNEDA, ed. *Manual de filosofia franciscana*, Bac, Madrid 2004, 208-248, aqui 218.

O teólogo reformado Paulo Tillich afirma que a criação é mais um *fieri* do que um *factum*, ou seja, é algo ainda em realização e não completamente acabado, sublinhando assim a característica dinâmica e evolutiva da criação – característica que o homem deve ter em conta como administrador responsável da mesma. O filósofo Hegel, por sua vez, considera que a criação não é um *actus*, ou seja um fenómeno que aconteceu uma vez e não volta a acontecer, mas é antes um momento eterno da essência divina, um processo dialético, pois Deus tem necessidade do mundo para poder ser Ele mesmo<sup>9</sup>. Ambos estes autores coincidem em afirmar que a criação não é uma entidade estática e imutável, mas é antes um projeto, uma abertura ao reino da liberdade. Numa perspectiva cristã, o homem é convidado a desenvolver as potencialidades de tudo quanto existe, mas sempre em conformidade com o plano divino. No *Liber naturae* (Livro da criação) o homem descobre a presença divina, e por sua vez, enquanto *capax Dei* (capaz de nela descobrir Deus) catalisa o anseio cósmico de se unir amorosamente ao seu Criador (Rm 8, 22-23).

Francisco de Assis exclui do ato da criação um *antes* e um *depois*. A criação não é algo que Deus tenha realizado em certo momento do tempo, fixo e determinado, para depois descansar sem mais se preocupar com ela. Deus “é” o Criador eterno, não “foi” apenas criador de uma vez para sempre. Aliás, até as modernas teorias cosmológicas consideram o tempo como uma categoria humana, uma dimensão da matéria. Tudo o que existe é um dom atual da magnanimidade do Criador: existe, porque Deus assim o quer. Nenhuma criatura é insignificante ou acessória; a todas devemos respeitar e tratar bem, e por todas nos devemos sentir responsáveis.

---

<sup>9</sup> Cf. G.W.F. HEGEL, *Lezioni sulla filosofia della religione*, Laterza, Roma 1983, 64.

A incumbência divina dada ao homem de “trabalhar no jardim e o guardar” (Gn 2,15) não foi um encargo atribuído outrora por Deus em certa ocasião a um certo indivíduo; é um encargo que cada um de nós está sempre a receber aqui e agora. Em vez de se apresentar como “nosso Senhor”, Deus quer manifestar-se mais como nosso irmão e companheiro, convidando-nos a colaborar com ele, que continua a passear pelo jardim que nos confiou, em companhia de todos os que não se escondam e não fujam dele.